

LITERACORPO: A ESCRITA COMO GESTO

TÁIS CHAVES PRESTES¹; LIVIAN LINO NETTO²; ALINE ACCORSSI³

¹ Universidade Federal de Pelotas – chavesprestes@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – livanlino@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é a intersecção de duas pesquisas de doutorado que pensam a escrita como gesto. A primeira, no Programa de Pós Graduação em Letras, na Universidade Federal de Pelotas, e pensa na escrita com o corpo a partir da dança. Parte-se da ideia de que o corpo é capaz de reverberar, através de seus movimentos, a escritura que vai criar modos de posicionamento ético e político. Já a segunda pesquisa foi realizada no Programa de Pós Graduação em Educação, na mesma universidade, e pensa a escrita como prática feminista decolonial. Em ambas, a escrita é capaz de se fazer como gesto que se dá na prática de mulheres que utilizam o seu corpo como território de criação, de rebeldia, resistência e de luta contra a violência que nos atinge.

Considerando que o próprio exercício de teorizar também é uma experiência corpórea (GREINER, 2005), é possível explorar como esse corpo escrevente se comporta em meio aos processos criativos como os micro-movimentos decorrentes da escrita e tudo aquilo que o antecede. Assim, a escrita se faz como gesto, porque, “parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem” (KILOMBA, 2019, p. 21).

A partir disso, apresentaremos o LiteraCorpo, como espaço-território no qual a escrita emerge como gesto corpóreo, criação e articulação entre saberes não hegemônicos.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho é parte de pesquisas de doutorado nos Programas de Pós Graduação em Educação e Letras da Universidade Federal de Pelotas e que tem por objeto refletir acerca da escrita como gesto a partir da escrita feminista e da dança como escrita que emerge da inquietude da experiência de mulheres latino americanas. Assim, aqui apresentamos um recorte interseccional das pesquisas, a partir da revisão de literatura que está sendo realizada pelas pesquisadoras, e que pretende apontar a escrita, como gesto possível que reverbera do corpo e rompe com os silêncios impostos historicamente às mulheres.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Lúcia Castelo Branco (1985) nos fala da (im)possibilidade da escrita de mulheres. Uma prática que não se verbaliza, a tentativa de dizer o indizível. De encontrar palavras e escrever com o corpo. Ao que parece, mulheres escrevem com o corpo. O corpo que sente as sensações da vida, um corpo que precisa criar espaço para se agitar e ganhar espaço. A escrita feminista pode começar com um corpo em contato com o mundo, um corpo que não se sente em casa (SARA AHMED, 2022). Conforme a professora-artista-pesquisadora Luciana Paludo,

Assim como na dança, escrever é um ato de invenção: cabe sentir a sua ritmidade; compreender espacialmente, no corpo, nos solavancos produzidos pelos pesos e velocidades. Em um texto isso pode ser dado a partir das palavras; nos golpes com que algumas palavras nos arrebatam (PALUDO, 2022, p.7).

Nos anos 80, Glória Anzaldúa escreve uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo, na qual ela convoca mulheres, em especial as que carregam as marcas de subalternizadas por raça e classe, a escreverem a fim de que sejam criadoras de suas próprias teorias.

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordaças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. contrárias (GLÓRIA ANZALDÚA, p.235, 2000).

Gloria Anzaldúa parte de uma escrita do cotidiano, em que escreve aquilo que (des)anima diariamente. Essa é uma forma de produzir conhecimento e teoria. Aqui, o LiteraCorpo propõe pensar o corpo enquanto espaço de manifestação política por meio dos processos criativos e sensíveis que emergem do ato de escrever o que se vive.

Ao escrever, a vida ganha existência por meio da escrita, pode se tornar uma ferramenta política na luta de mulheres de diferentes etnias e classes contra a injustiça social e cultural (CAROLINE MARIM, 2020). Como diz Audre Lorde (2000) , quando as palavras das mulheres clamam por ser ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer sua responsabilidade de tirá-las para fora, lê-las, compartilhá-las e examiná-las em sua conexão à vida. A escrita é algo que se parece mais com uma dança. (BRUNI, 2022, p. 130). Assim, o corpo escrevente colabora para que possamos causar pontos de tensão dos movimentos que esse corpo produz.

4. CONCLUSÕES

Quando percebemos que a escrita também pode ser uma performance, somos capazes de deslocar os sentidos para outras perspectivas tanto de escrita, quanto de movimento que emergem de um impulso que antecede o próprio ato de escrever.

A noção de LiteraCorpo, busca potencializar a percepção desses corpos femininos, encorajando-os ao ato criativo, provocando uma fusão entre dança e escrita. Instiga, portanto, uma liberdade de pensar que surge do ato de sentir, e é capaz de reverberar no corpo que escreve, respingando no contexto em que ocupa. Assim, pode participar de maneira legítima do cenário sócio-político do qual pertence, à medida em que se autoriza como autora, pode ser capaz de dar vazão ao seu existir. Isso tudo em uma perspectiva decolonial anima a partilha entre mulheres tanto no modo coletivo de construir e sistematizar suas presenças, seja pelos seus corpos, falas e escritas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: UBU Editora, 2022.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.
- BRANCO, Lúcia Castello. **A (im)possibilidade da escrita feminina**. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, [S.I.], v. 4, p. 30-41, nov. 1985. ISSN 2358-9787. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/4172>. Acesso em: 14 set. 2022.
- BRUNI, Emanuele Um texto é um corpo e, sendo corpo, pulsa uma infinidade de outros. **Com [por]**, v. 1.
- GREINER, Cristine. **O corpo**: Pistas para estudos indisciplinares.- São Paulo: Annablume, 2005.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. **Irmã outsider**: Ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- MARIM, Caroline. Escrita Feminista, por uma escrita viva e que nos mantenha vivas. In: VÁRIOS AUTORES. **Mulheres na História**: inovações de gênero entre o público e o Privado. Petrópolis: Editora Literar, 2020.
- PALUDO, Luciana. **Entre gestos e palavras**- Atos performativos de um corpo em Dança. Anais ABRACE. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br>> Acesso em 20 de jun.